

**DA FRANÇA PARA A FRANCOFONIA, DO CENTRO PARA AS
MARGENS: UMA ENTREVISTA COM ZILÁ BERND**

**FROM FRANCE TO FRANCOPHONIE, FROM THE MIDDLE TO THE
MARGIN: AN INTERVIEW WITH ZILÁ BERND**

Luís Augusto Fischer (UFRGS)

fischerl@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-2327-5229>

Fui aluno da nossa entrevistada no distante ano de 1976, quando ingressei na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Virei professor no Instituto de Letras dessa universidade, em outra área, e pelo tempo fomos nos vendo, compartilhando cafezinhos no bar e preocupações intelectuais, até que ela se tornou minha orientadora na fase final do meu doutorado, sempre com a mesma correção e gentileza.

Zilá Bernd tem uma trajetória, como se vai ver, que mescla dedicação ao trabalho com deslocamentos intelectuais muito significativos, que escaparam ao círculo do já conhecido para entender fenômenos que, entre nós, eram quase invisíveis, mas relevantes. Em seu percurso, muito se pode entender sobre relações culturais para além do mundo brasileiro.

Professora de francês, o que se esperava dela era, em última análise, que se restringisse a divulgar aqui a cultura parisiense – o Brasil letrado foi, até pouco tempo atrás, um colonizado querendo ouvir qual era o “*dernier cri*”, o último grito, como se dizia. Um parisiense gritava lá, e aqui o pessoal se mexia para atender o que ele ordenava.

A Zilá foi uma das protagonistas da virada que ocorreu nos anos 1980 e 1990: ora, também se falava e se escrevia em francês aqui nas Américas, a sede de parte das colônias que garantiram a riqueza de Paris por séculos. Que tal prestar atenção a essa voz? E que tal, pensou a Zilá, pioneiramente, pensar em ouvir os afrodescendentes brasileiros, que compartilhavam uma série de experiências sociais (cruéis) e formas culturais (algumas sublimes) com aqueles camaradas de fala francesa nas Américas?

Seu depoimento, concedido em entrevista por *e-mail*, ajuda a entender um trecho decisivo dessa história, que tem novos capítulos, mas não começou ontem.

1. Conta da tua infância e juventude, os anos escolares: como foi? Onde? Onde tu estudaste? Qual a história próxima da tua família? Havia algo já, nesse período, de ligação com o mundo das letras, do francês, da literatura?

Minha mãe era professora primária, como se dizia naquela época, hoje seria professora do Ensino Fundamental público, então fiz meu Ensino Fundamental – que à época ia até a quinta série – na Escola Estadual Floriano Peixoto, em Porto Alegre, na mesma escola em que minha mãe era professora do Jardim de Infância. Pensar em ser professora, ouvindo as queixas dos baixos salários e da falta de condições das escolas, estava fora de cogitação. Nesse tempo, eu morava na praça Dom Feliciano e, ao lado de meu edifício, havia uma biblioteca pública infantil. Ali me iniciei na leitura de todo tipo de livro: de Monteiro Lobato a Karl May, das historinhas infantis aos contos dos irmãos Grimm e às aventuras de Robinson Crusoe. Em um determinado dia, a diretora da biblioteca, Lucília Minssen, informou a meus pais que meu irmão e eu havíamos lido praticamente todos os livros da biblioteca... Fiz o exame de admissão para entrar no Ginásio (que corresponde ao que é hoje o Fundamental (da sexta à nona série) no Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho. Não veio dessa instituição nenhuma inspiração para a literatura, uma vez que fui várias vezes discriminada por ter vindo da escola pública, já que o Bom Conselho era, na época, um colégio frequentado por uma certa elite porto-alegrense... Ia para a escola diariamente de bonde, que pegava na praça Dom Feliciano, onde morava, seguindo pela avenida Independência. Passei a última série do Ginásio pensando em voltar para o ensino público para fazer o Clássico, hoje Ensino Médio, o qual não distingue mais os alunos que optam pelas ciências humanas dos que optam pelas ciências exatas. Foi uma alegria migrar para o colégio Júlio de Castilhos, em sua nova sede na avenida João Pessoa, onde está até hoje. Naquele ano de 1960, as meninas estudavam pela manhã, e os rapazes, à tarde. Era misto, porém separado. Pois foi no Júlio de Castilhos, nosso inesquecível Julinho, que se deu o despertar de minha paixão pela literatura francesa com as aulas de Mme. Geneviève Ledû e sua dedicação ao ensino da literatura e da língua francesas. Nos três anos de curso Clássico, com seis aulas de francês por semana, pude ler dos clássicos aos modernos, da poesia à prosa e ao ensaio, com os textos inesquecíveis de Michel de Montaigne. Dessa experiência, nasceu o projeto de cursar

Letras na UFRGS, que iniciei em 1964. Que ano para ingressar em uma universidade pública, hein? Mal iniciamos o curso e os brilhantes professores Gerd Borheim, Dionisio de Oliveira Toledo e Ângelo Ricci, entre outros, foram expurgados pela Ditadura de 1964, aquela que alguns não querem que se chame de Ditadura. Foram perdas irreparáveis, pelo nível dos professores e pelo ambiente que se criou de desconfiança e de insegurança.

2. A tua experiência como aluna de Letras da UFRGS, como foi? Que professores foram marcantes? Podes fazer um retrato de alguns deles?

Um dos mais marcantes foi Guilhermino César da Silva, grande conhecedor da literatura brasileira e sul-riograndense, que veio a ser meu orientador de mestrado. Marcel Laccarat, leitor de francês, Nora Thielen, Ignácio Neis, Donaldo Schuler, entre tantos outros. Guilhermino César era uma figura instigante, pois, ao mesmo tempo em que assombrava os alunos com seu imenso saber, intimidava aqueles que eram displicentes, porque naquele período não havia o politicamente correto e os professores podiam chamar os alunos de vira-latas. Apesar da rabugice, ele tinha um humor fantástico e, quando gostava do aluno e de seu tema de tese, se tornava uma pessoa admirável e inesquecível. Conheci sua biblioteca particular que ficava em um apartamento ao lado daquele que habitava com sua família na avenida Independência. Dado o extraordinário volume de livros que possuía, teve que alugar um apartamento ao lado do seu para acomodar sua vasta biblioteca. Sábio e generoso mestre.

3. Qual era o horizonte histórico que tu viveste nesse tempo da graduação? O que era ser uma mulher jovem, estudante de Letras, no contexto?

Minha situação era muito peculiar, pois como me casei com 18 anos, logo após sair do Julinho, e entrei com 19 anos no Curso de Letras, com muito entusiasmo, mas já como jovem dona de casa, pensando em filhos. Mesmo assim, dediquei-me muito, frequentando assiduamente a biblioteca da velha Faculdade de Filosofia, no Campus Central, pois o Instituto de Letras ainda não havia se mudado para o Campus do Vale, assim que não fiz muita vida universitária propriamente dita. Deixei de frequentar reuniões de colegas e participar das assembleias dos alunos “agitadores”, para as quais fui convidada por Flavio Koutzii, que mais tarde teve que se exilar. Decepionei-me um pouco com os professores de francês, mesmo com os leitores que vinham da França, pois nenhum me cativou como a Madame Ledû. Segui lendo

todos os poetas românticos, de Lamartine a Baudelaire e Mallarmé, e muitos romancistas, com ênfase para Flaubert e mais tarde Simone de Beauvoir, Sartre, Camus, chegando em Proust. Era um tempo em que se olhava para o longe, a França e a Europa em geral, como “berço da civilização”. Não havia diálogo entre nós e os professores visitantes que nos consideravam como “*les bons sauvages*”, “*les sauvages d’Amérique*”, não vendo em nós seus interlocutores, mas aqueles que precisavam ser “catequizados”. Foi um momento de contestar um pouco minha escolha. Mas a mudança de rumos do francês para a francofonia iria ocorrer, só que um pouco mais tarde...

4. No teu mestrado, tu estudaste a obra do Cyro Martins, não é? O que te animava nesse momento, como assunto e perspectiva crítica?

Penso, meu caro Fischer, que a escolha de estudar, pela primeira vez, não o gaúcho a cavalo, monarca das coxilhas, mas o autor que elegeu como herói o gaúcho exilado do campo e das distâncias. Foi uma decisão que marcou ou orientou todas as minhas outras escolhas intelectuais. A escolha de abordar na dissertação de mestrado o “gaúcho a pé”, que hoje chamaríamos de “sem-terra”, foi decisiva, pois a partir daí sempre procurei escolher temas que estavam à margem, como a literatura afrobrasileira, que foi foco de meu doutorado. Minhas pesquisas daí em diante foram caracterizadas pelo desvio: naquela época, todos olhávamos para o longe (como tu gostas de falar), o que, na área das línguas estrangeiras, significava olhar para a Europa, no caso dos professores de francês, olhar para a França. Eu escolhi olhar para o “perto”, ou seja, estudar a diversidade da língua francesa das Américas, ou melhor, a francofonia do Caribe e do Quebec, pretendo estabelecer relações literárias interamericanas. Foi muito prazeroso estudar a obra de Cyro Martins, o que representou uma certa “vingança de Calibã”, pois ele havia sido meu psicanalista, e agora quem o analisava era eu! Ele ficou muito feliz com essa, que foi a primeira de uma série de outras dissertações e teses escritas sobre sua obra desde então.

5. Neste momento, final dos anos 1970, é que começa teu interesse pela negritude? Como apareceu isso no teu horizonte? Teve a ver com o estudo da literatura de língua francesa, certo?

Foi em 1980, quando fui a um Congresso Mundial de Professores de Francês que ocorreu no Rio de Janeiro, organizado pela professora Lilian Pestre de Almeida, da Universidade Federal Fluminense (UFF), universidade pioneira na abertura dos estudos de francês para a francofonia. Esse evento foi marcante em minha carreira e eu diria também em minha vida, pois aí conheci o célebre ensaísta Édouard Glissant, poeta e romancista da Martinica, e o famoso romancista haitiano René Dépestre, que iria se associar a Aimé Césaire nas lutas pela decolonização do Haiti e da região das Antilhas. Ouvir suas palestras foi decisivo para eu pensar o que veio a ser minha proposta de tese: se, na região do Caribe de língua francesa (e também obviamente de língua inglesa), havia surgido uma poesia tão pujante e decididamente ativa na denúncia dos horrores da escravidão e do regime colonial, que culminou com o movimento da Negritude, com a publicação do célebre *Cahier d'un retour au pays natal* (1936), por que não haveria poesia negra no Brasil? Encontrei, na área de literatura francesa da Universidade de São Paulo (USP), o prof. Dr. Italo Caroni, que estava também seduzido pela ideia de alargar os horizontes do ensino do francês no Brasil, para a francofonia das Américas (Quebec, Haiti e Antilhas). Propus a ele meu projeto de tese: estudar o surgimento no Brasil de uma poesia negra (ou afrobrasileira), que seria analisada à luz da poesia francófona do Haiti e das demais ilhas do Caribe (Martinica, Guadalupe), além da Guiana Francesa. Não era fácil, na época, para alguém que vinha do sul, conseguir vaga na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. A proposta da temática me ajudou!

6. Depois vem o teu doutoramento, na USP. Como foi o processo de definição de tema, busca de orientador e de marcos teóricos?

O mais difícil foi conseguir afastamento por quatro anos do Instituto de Letras da UFRGS para o doutorado em São Paulo. Alguns membros do colegiado que deveriam tomar a decisão de concessão do afastamento acharam estranho um doutoramento sobre uma “literatura que não existe” ou até mesmo sobre “uma literatura de quinta categoria”... Mas consegui e fui para São Paulo com bolsa do Programa Institucional de Capacitação de Docentes da Capes por 4 anos. Eu acabava de voltar do Quebec, onde participei do programa *Trois Semaines au Québec*, criado na intenção de promover a francofonia das Américas junto a professores latino-americanos de francês. Lá fui aluna do haitiano Maximilien Laroche, docente da Université Laval, que veio a ser meu co-orientador de doutorado e professor visitante na UFRGS em diferentes ocasiões, sobretudo quando, depois de obter meu doutorado, criei a disciplina de

“Literaturas francófonas – Quebec e Antilhas”. A influência do prof. Maximilien Laroche foi muito fertilizadora para minhas publicações e pesquisas futuras. Ele foi, em 1990, meu supervisor de pós-doutorado na Université Laval em Quebec.

7. *Teu livro sobre o tema, saído por uma editora de importância central no contexto, a Brasiliense (Introdução à literatura negra, 1988, no mesmo ano de outro, O que é negritude, também pela Brasiliense, na então famosa coleção “Primeiros passos”), projetou tua pesquisa em um patamar talvez inimaginável antes, não é? Conta como foi, relembra episódios, por favor.*

O clima intelectual da USP apresentava – e penso que ainda apresenta – grande abertura para o novo, por isso minha proposta de doutorado, mesmo sendo a primeira no campo da francofonia das Américas, foi muito bem aceita. A cidade de São Paulo oferece também muitas oportunidades: mal iniciei o doutorado e tive a ousadia de bater na porta de Caio Prado Junior, fundador e diretor da famosa editora Brasiliense, propondo a edição de um volume sobre a negritude, na coleção *O que é?* Para minha grande surpresa, fui atendida pelo próprio Caio Prado, que aceitou a proposta e publicou livro, em 1984, o livro intitulado *Qual é a questão da Negritude*. Mais tarde, como a coleção Primeiros Passos começou a bombar, Caio Prado me pediu outro livro sobre o mesmo tema e aí saiu, pela Brasiliense, em 1988, *O que é negritude*. Nesse mesmo ano, a mesma editora publicou *Introdução à literatura negra*, que continha uma parte de minha tese. A tese na íntegra foi publicada, em 1988, pela Mercado Aberto, de Porto Alegre, com o título de *Negritude e Literatura na América latina*, e teve uma segunda edição, pela Cirkula, em 2018, para comemorar os 30 anos do lançamento da obra.

8. *Aqui entra o tema que hoje se reúne sob o título de “lugar de fala”. Queria te perguntar sobre o sentido disso, o alcance disso, na tua percepção de pesquisadora. Da minha parte, adianto, tenho a sensação de que o plano moral tem subsumido qualquer outra dimensão dos problemas envolvidos, o que é claramente uma novidade – nefasta, a meu juízo – para o pensamento crítico, embora seja compreensível como ação política no presente.*

Concordo com tua colocação. A literatura negra surge por volta dos anos 1980 com a publicação anual dos *Cadernos negros*, que são antologias que reúnem poemas de autores afro-brasileiros de todo o país. A criação desse espaço de publicação foi motivada justamente para

criar um lugar de fala para tais poetas que não conseguiam editoras, não sendo, por consequência, encontrados nem nas livrarias nem nas bibliotecas. Era necessário criar um espaço de fala para que essa invisibilidade e inaudibilidade fosse ultrapassada... Com o passar dos anos, autores da chamada literatura afro começam a fazer parte da literatura brasileira, recebendo prestigiosos prêmios como o Jabuti e o Oceanos. Como se vê as coisas estão mudando de figura. Tenho ouvido da filósofa e escritora Djamila Ribeiro, na esteira da ensaísta indiana Gayatri Spivak e autora do livro *Podem os subalternos falar?*, definir o conceito de lugar de fala em entrevistas e também em seu livro *Lugar de fala* (editora Jandaíra, 2020). A origem desse livro foi a de discorrer sobre a importância para negros e sobretudo para mulheres negras de criar um espaço de afirmação em um universo em que as vozes dessas mulheres ficaram inaudíveis, através de uma constante tendência de apagamentos da expressão dos afrodescendentes. Essa imensa faixa da população brasileira só agora começa a afirmar sua presença em uma sociedade, como a brasileira, em que os brancos ocuparam e ainda ocupam espaços privilegiados de poder. Djamila alerta para não cairmos no equívoco de confundir lugar de fala com representatividade, afirmando que pensar lugar de fala é uma postura ética, pois é preciso saber de onde falamos para repensar as hierarquias e as desigualdades. Não vou me estender mais, pois esse é um tema que pode ser abordado de muitos vieses e requer um espaço maior para evocar toda a argumentação que ele merece.

9. Em toda a tua ligação com o Canadá, o que te levou a muitas atividades, reconhecidas amplamente pelo governo daquele país. Conta um pouco disso, panoramicamente.

Pois foi um tipo de serendipidade.... você procura uma coisa e encontra outra ou muitas outras. Me inscrevi para esse programa, em 1980, *Trois semaines au Québec*, que visava despertar, em docentes de francês de vários países da América Latina, o interesse pela diversidade francófona nas Américas. Foi uma verdadeira imersão na cultura, música, cinema, literatura e todo o patrimônio material e imaterial da província do Quebec, que se considera como uma nação, com sua identidade centrada na língua francesa e aberta à diversidade das migrações constantes de indivíduos vindos de todas as partes do mundo. Ver a vontade dos professores da Université Laval, de Quebec, e das universidades de Montreal de estabelecer relações com nossas universidades na América do Sul como uma via de mão dupla, ou seja, em nível de perfeita reciprocidade, foi para mim fator decisivo para aderir a essa cultura. Com a França nunca tivemos relações verdadeiramente bilaterais: os professores franceses, de um

modo geral, viam nas relações internacionais como meio de divulgar sua cultura, sem demonstrar interesse pela nossa. Nas relações com as universidades quebequenses, depois de uma fala minha sobre o Manifesto Antropófago brasileiro, vi o grande interesse deles em observar a diferença entre o desejo brasileiro de devorar a cultura do outro, enquanto a postura da cultura quebequense, com medo de perder a hegemonia da língua francesa, foi a de não deixar se devorar pela língua inglesa predominante no resto do Canadá e nos Estados Unidos. Logo surgiram publicações utilizando os pressupostos dos modernistas brasileiros, o que foi algo extremamente gratificante para mim. Como criei acordos bilaterais entre a Université du Québec à Montréal e a UFRGS, tendo recebido dezenas de professores do Quebec ao longo de quase 20 anos, e, como fui também professora convidada várias vezes no Quebec, incentivando um grande número de publicações em português e em francês, recebi, em 2001, a Ordem Nacional do Quebec, no grau de Chevalière e, em 2014, no grau de Officière. A Ordem Nacional (L'Ordre National du Québec) é a mais alta distinção conferida a um estrangeiro, e eu fui a primeira brasileira a ser agraciada na época com as duas distinções. Fui uma das primeiras presidentes da Associação Brasileira de Estudos Canadenses (ABECAN), fundada em 1991. Em 2002, fui eleita presidente do Conselho Internacional de Estudos Canadenses (CIEC/ICCS), com sede em Ottawa, que agrupava, na época, 25 associações de estudos canadenses de diferentes países das Américas, da Europa e da Ásia. Um dos objetivos do Conselho era conceder bolsas de estudos de curta duração para professores e pesquisadores de todo mundo, com um orçamento respeitável. Foi uma alta distinção ter presidido o Conselho por quatro anos. Em função deste trabalho e de minhas publicações, recebi o Prix International du Gouverneur Général en Études Canadiennes, em 2009.

10. Agora, tu viste teu trabalho dos anos 1980 reeditado. Neste período, houve toda uma nova geração que frequentou esse tema, com muito mais protagonismo por parte de afrodescendentes. Como foi para ti essa nova edição?

Por incrível que pareça, penso não ter havido essa projeção “em patamares inimagináveis” que mencionaste anteriormente, embora eu tenha sido convidada para todos os inúmeros eventos que aconteceram para assinalar os 100 da Abolição da Escravatura no Brasil e para dar cursos sobre o tema em muitas universidades e em diferentes congressos nacionais e internacionais. Acho que, entre os livros, que publiquei o que mais penetração teve, e que é adotado em muitos cursos de Letras Brasil afora, foi *Literatura e identidade nacional*,

publicado pela editora da UFRGS, em 1992, na coleção Síntese Universitária. Esse livro, que teve duas edições posteriores, sendo a terceira em 2011, tem um número muito importante tanto de visualizações quando de citações, como atestam o Google Scholar e o Academia.edu. Nele associo a literatura negra à construção da identidade nacional, sem deixar de colocar em xeque o próprio conceito de identidade nacional em capítulo acrescido à terceira edição, no qual integro os conceitos de espírito migrante e de identidades transnacionais. O que acho um pouco decepcionante, depois desse meu pioneirismo na seara das literaturas afro-brasileiras, é que, hoje em dia, passados 30 anos ou mais de minhas publicações iniciais sobre literatura negra ou afro-brasileira, quando assistimos ao verdadeiro *boom* dessas literaturas, ninguém menciona meu nome nem minhas obras pioneiras.... É como se estivessem descobrindo agora o grande potencial dessa literatura que venho estudando desde 1984... E isso que há a Lei 10639/03, que obriga o ensino de literatura e cultura negras nas escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio no Brasil... Minha *Antologia de poesia afrobrasileira* (IEL, 1992), e uma segunda edição revista e aumentada, publicada pela editora Mazza de Belo Horizonte, em 2011, poderia ser utilizada como material dentro do espírito dessa lei, mas os órgãos responsáveis por sua implementação nunca se interessaram em fornecer aos professores materiais – como essa antologia – para viabilizar a efetiva funcionalidade da lei. Enfim... penso que minhas publicações e pesquisas são mais valorizadas em universidades de outros estados do Brasil e no exterior e bem menos no Rio Grande do Sul. Felizmente, tenho obtido espaço para divulgar minhas pesquisas para o grande público, no Caderno de Sábado do *Correio do Povo*. Há uma resposta muito positiva de consulta a esses textos entre leitores de vários estados e até do exterior.

Entrevista submetida em: 18 ago. 2022

Aceita para publicação em: 18 ago. 2022

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.126621>